

Ginsberg, Kerouac, Burroughs, Corso, Ferlinghetti. Todos nomes reconhecidos em diversos círculos literários brasileiros, signos de rebeldia social e inovação literária. Certamente, eles merecem muitas horas de leitura, debate e estudo. Contudo, há uma outra lista que poderia e deveria ser feita, em versões mais curtas e mais longas: a de mulheres que frequentaram a boemia e os espaços dessa vanguarda cultural norte-americana – inclusive, em alguns casos, como companheiras, amantes e/ ou amigas desses homens protagonistas – e são desconhecidas do público admirador do movimento beat.

Essas mulheres, que a edição especial RelevO-Mulheres Beats traz com textos inéditos em português, encararam não somente as pressões conservadoras e conformistas de uma "América macartista", senão também as prescrições de gênero que agiam com renovada força na época, dificultando a realização de suas aspirações artísticas. Isso representava, geralmente, problemas de reconhecimento, legitimidade e visibilidade que se traduziam em empecilhos concretos em relação a publicação e tomada de lugares de fala.

Entretanto, apesar dos empecilhos estruturais, estas mulheres (e aqui iremos com um elenco elaborado a partir da short list), como Elise Cowen, Joyce Johnson, Hettie Jones, Diane di Prima, Diane Wakoski e Joanne Kyger, assumiram o desafio – o qual partia do seu próprio cotidiano de negociação de espaços objetivos e subjetivos de existência – para produzir literatura.

Das dificuldades do contexto e da vontade de participar no mundo, elas articularam vozes e linguagens diferentes. Elas vieram a se somar, posteriormente, aos esforços de outras mulheres que, na segunda metade do século 20, mexeram com a realidade de todo esse cânone ou campo literário excludente.

Neste dossiê, buscamos trazer uma pequena mostra de um extenso trabalho acadêmico de tradução para a língua portuguesa: são poesias, trechos de romance e memórias dessas escritoras que viveram os círculos beat. Trata-se de um projeto coletivo recente, que emerge de um contexto de pesquisa – suas integrantes têm passagem por ou habitam os espaços do Setor de Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Nosso interesse é promover o acesso à literatura dessas mulheres e fornecer um novo olhar sobre um tempo, um momento e um espaço histórico-artístico. Pouco conhecidos no Brasil, os textos selecionados discutem, a partir de temas cotidianos, os meandros da subjetividade feminina e as múltiplas formas de existência. São textos transgressores a confrontar normas e limites.

Uma boa leitura a todas e todos.

Por Miriam Adelman e Renata Senna Garrafoni

3 **Hettie Jones**

Joyce Johnson

8 **Diane Di Prima**

14 **Joanne Kyger**

16 **Elise Cowen**

18 **Lenore Kandel**

22

Diane Wakoski

Ilustrações Sabrina Gevaerd Montibeller
<sabrinagevaerd.tumblr.com>

Organização Miriam Adelman e Renata Senna Garraffoni.

Traduções Miriam Adelman, Renata Senna Garraffoni, Emanuela Siqueira, Priscila do Prado, Joana Pupo, Isaura M.R. de Limas.

EXPEDIENTE

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella – Editor-Assistente Ricardo Pozzo

Revisão Mateus Ribeirete – Ombudsman Ben-Hur Demeneck

Projeto Gráfico Marceli Mengarda – Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3500 – Edição finalizada em 9/3/2015.

HETTE JONES

Nascida Hettie Cohen, em Nova York a 1934, numa família judia de classe média, nunca se identificou com o roteiro predefinido para as jovens da sua camada social. Desafiou também as fronteiras raciais da sociedade norte-americana ao namorar – posteriormente casando e tendo duas filhas – com o jovem poeta negro LeRoi Jones, mais conhecido como Amiri Baraka – aliás, o único poeta negro do grupo Beat àquela altura. No livro de memórias *How I Became Hettie Jones*, ela

explicita: "nunca tive os planos 'normais' [das pessoas] dos anos 1950 – me pareciam um absurdo." Com suas colegas Joyce Johnson e Diane di Prima, acompanhou a passagem do Beat para a contracultura, o surgimento do feminismo da Segunda Onda e os movimentos sociais e culturais posteriores. É autora de livros de poesia a literatura infanto-juvenil, além de coautora do livro de memórias de Rita Marley. Professora, trabalha com oficinas e cursos de criação literária. *Por Miriam Adelman*

Hard Drive

Saturday the stuffed bears were up again over the Major Deegan dancing in the plastic along the bridge rail under a sky half misty, half blue and there were white clouds blowing in from the West

which could have been enough for one used to pleasure in small doses

But then later, at sunset,
driving north along the Saw Mill
in the high Wind, with clouds big and drifting
above the road like animals
proud of their pink underbellies,
in a moment of intense light
I saw an Edward Hopper house,
at once so exquisitely light and dark
that I cried, all the way up Route 22
those uncontrollable tears
"as though the body were crying"

and so young women here's the dilema itself the solution:

I have always been at the same time woman enough to be moved to tears and man enough to drive my car in any direction

Direção

por Miriam Adelman

No sábado os ursos de pelúcia flutuavam de novo sobre o Major Deegan dançando no plástico ao longo do corrimão da ponte sob um céu meio nublado, meio azul e havia nuvens brancas chegando do oeste o que talvez fosse suficiente para alguém acostumado ao prazer em pequenas dosagens Porém, mais tarde, ao pôr do sol dirigindo rumo ao norte pelo Saw Mill no vento forte, com as nuvens grandes que flutuavam por sobre a estrada como animais mostrando orgulhosamente suas rosadas barrigas num momento de luz intensa vi uma casa tipo Edward Hopper tão simultânea e extraordinariamente clara e escura que eu chorei todo o caminho da Rota 22 aquelas lágrimas incontroláveis "como se o corpo chorasse"

e, portanto, mulheres jovens eis aqui o dilema em si a solução:

sempre fui ao mesmo tempo mulher o suficiente para comover-se até o pranto e homem o suficiente para pegar o carro e me mandar em qualquer direção

The woman in the green car

The woman in the green car

The woman in the green car doesn't know where she is going

so she goes doggedly

see her sturdy little foot on the gas pedal

how she presses for time

how she speeds

The woman in the green car

is racing past you, Providence gives you nothing save her passage what disturbance what mute

Air

The woman in the green car is driving too fast. She takes the outside lane to pass a truck with six red taillights, but the guardrail is close. It is flashing the headlights of oncoming cars. She is scared, hypnotized, the rail takes her left eye, the truck her right. A wide, white truck and then on the far right an unlighted sign: Mamaroneck and she remembers

having an argument with him, her boyfriend, he said when you grow up you'll go to live in Mamaroneck with Marjorie Morningstar and she couldn't envision it. When he insisted she grew afraid – what did he know? But she couldn't make herself, there was nothing in her mind to put her there, and she

invented her own life, she said to the interviewer. She said I remember this guy, he said Mamaroneck and I couldn't see it, you know? My mind was empty, like...

Like death? Says the interviewer. Well yes, she says, I guess...death, she

pulls ahead of the too-wide truck, avoids the light holds the wheel tight

fear is death cheat it twice

leave it

in Mamaroneck.



A mulher no carro verde

por Priscila do Prado

A mulher no carro verde não sabe onde está indo

então ela vai obstinadamente

veja seu pequeno pé vigoroso no pedal

como ela pressiona por tempo

como ela acelera

A mulher no carro verde

está correndo atrás de você, Providência e nada lhe dá salve sua passagem o que perturba o que emudece

o ar

A mulher no carro verde está dirigindo muito rápido. Ela pega a pista de fora para passar o caminhão com seis luzes vermelhas traseiras, mas o gradil está perto. Estão brilhando as luzes dos carros que vêm. Ela está assustada, hipnotizada, a pista capta seu olho esquerdo, o caminhão o seu direito. Um amplo, branco caminhão e então na extrema direita um sinal não-luminoso: Mamaroneck e ela recorda

tendo uma discussão com ele, seu namorado, ele disse quando você crescer vai viver em Mamaroneck com Marjorie Morningstar e ela não podia imaginar isso. Quando ele insistiu que ela sentiu medo – o que ele sabia?

Mas ela não podia se obrigar, não havia nada em sua mente para por ela lá, e ela inventou sua própria vida, ela disse para o entrevistador. Ela disse eu me lembro desse garoto, Ele disse Mamaroneck e eu não podia ver, você sabe?

Minha mente estava vazia, como...

Como a morte? Disse o entrevistador.

Bem, sim, ela disse, Eu acho... morte, ela

Puxa a frente do tão largo caminhão, evita a luz mantém a roda apertada

Medo é morte Trapaceia-a duas vezes

Deixe-a

Em Mamaroneck.

In Memoriam

Mother, my heart burned along with my small blue car last Wednesday Today I'm thinking of you, ninety-five years from the day of your birthday, fifteen since your death Why was my grief for you not a flame How did I get so far from you that I shed more tears for a car than for the broken bird you became It's no lie to say I loved you but we love the lives we live, the cars we drive, and grief can be a bird too, flighty eyeing its own horizons

In Memoriam

por Joana Pupo

Mãe, meu coração ardeu na última quarta-feira juntamente com meu pequeno carro azul

Hoje estou pensando em você, há noventa e cinco anos do dia de seu nascimento, quinze desde sua morte

Por que minha dor por você não queimou como uma chama Como me distanciei tanto de você que verto mais lágrimas por um carro do que pelo pássaro alquebrado que você se tornou

Não é mentira dizer que amei você, mas amamos as vidas que vivemos, os carros que dirigimos e

a tristeza pode ser também um pássaro, volúvel mirando seus próprios horizontes.

Deixou a casa dos pais aos 19 anos, assumindo o primeiro emprego no mercado editorial. Por meio de Elise Cowen, conheceu, em 1957, Jack Kerouac, com quem namorou por dois anos, envolvendo-se no Movimento Beat. Em 1962, aos 26 anos, publicou Come and Join the OHNSUN

insistência da mãe, iniciou uma breve carreira como atriz mirim na Broadway. Não demorou para se rebelar contra os pais. Após terminar o ensino médio, em 1951, entrou para o Barnard College, abandonando os estudos em seguida.

Nasceu em 1935, em uma família classe média

de Nova York, onde se criou. Aos oito anos, por

Dance, o primeiro romance Beat escrito por uma mulher. Após um período dedicado a dois casamentos, ao nascimento do filho e ao seu trabalho como editora, publicou o segundo romance, Bad Connections, em 1978. Em 1987, lançou In the Night Café. Mas foi com seu livro de memórias, Minor Characters, que as mulheres do movimento Beat ganharam visibilidade. Em 2004, aos 70 anos, publicou seu segundo título de memórias, Missing Men – a memoir. The Voice is All: The Lonely Victory of Jack Kerouac, de 2012, uma biografia de Kerouac, é sua mais recente publicação. Por Joana Pupo

Minor Characters: A Young Woman's Coming-of-Age in the Beat Orbit of Jack Kerouac (trecho)

por Miriam Adelman

No final dos anos 1950, mulheres jovens – poucas, no início – mais uma vez saiam de casa com uma certa violência. Elas também vinham de boas famílias, e seus pais nunca conseguiram entender como as filhas que eles tinham criado com tanta dedicação poderiam escolher uma vida precária. Se esperava de uma filha que ela ficasse sob o teto dos pais até casar, mesmo se trabalhasse um ano, mais ou menos, adquirindo assim um pouco de gosto pelo mundo - mas não muito! Experiência, aventura estas coisas não eram para mulheres jovens. Todo mundo sabia que as aproximariam do sexo. Sexo era para os homens. Para as mulheres, sexo era tão perigoso quanto a roleta russa; uma gravidez indesejada ameaçava a vida em mais de um sentido. Quanto à arte - as jovens estilosas tinham um lugar como musas e admiradoras.

As que entre nós empreendíamos o voo para fora não achávamos modelos utilizáveis para aquilo que fazíamos. Não queríamos ser nossas mães ou professoras solteironas ou mulheres profissionais duronas como elas eram retratadas na tela. E ninguém tinha nos ensinado como ser escritoras ou artistas. Sabíamos um pouco sobre Virginia Woolf, mas não a achávamos relevante. Os privilégios que ela tinha nos desencorajavam, nascida como era num meio literário, e de conexões e riqueza. O "teto todo seu" do qual ela escrevia pressuponha que seu habitante tivesse uma pequena renda familiar. Com

nossos cursos superiores, a gente poderia datilografar até fazer uns \$50 por semana – apenas o suficiente para comer e pagar o aluguel para um pequeno apartamento em Greenwich Village ou North Beach, sobrando pouco para sapatos ou pagar a conta de luz. Nada sabíamos sobre a romancista Jean Rhys, que numa época anterior também tinha fugido da respeitabilidade, boiando perigosamente na Boemia Parisiense da década de 1920. Talvez tivéssemos nos identificado com sua falta de confiança naquilo que escrevia ou tomássemos como uma alerta a passividade corrosiva das suas relações com os homens. Mesmo assim, nenhuma alerta teria nos parado, com toda essa fome que tínhamos de abraçar a vida e tudo que fazia parte da realidade. A própria dureza da vida era algo para saborear.

Naturalmente, nos apaixonávamos por homens rebeldes. Caíamos muito rapidamente, acreditando que nos levariam junto nas suas viagens e aventuras. Não esperávamos ser rebeldes por conta própria; não contávamos com a solidão. Uma vez que encontrávamos nossos parceiros masculinos, uma fé cega nos impedia de desafiar as antigas regras do masculino e feminino. Éramos muito jovens e tínhamos dado um passo maior do que a perna. Mas sabíamos que tínhamos feito algo que exigia coragem, algo quase inédito. Éramos as que ousaram sair de casa.

Nasceu no Brooklyn, Nova York, em 1934. Escritora prolífica, possui mais de 40 livros publicados, entre eles *This Kind of Bird Flies Backwards* (1958), *Loba* (1978), *Dinners and Nightmares* (1960), o livro de memórias *Recollections of my life as a woman: The New York Years* (2001) e a semibiografia *Memórias de uma Beatnik*, único livro publicado no Brasil, em 2013. Feminista, sua escrita une ativismo político e espiritualidade, conteúdo sexual e puritanismo. Em 1968, se mudou para São Francisco, sendo citada muitas vezes como a relação entre a geração beat e os hippies. Com Amiri Baraka (LeRoy Jones), foi

coeditora da revista literária *The Floating Bear*. Também foi cofundadora do Poets Press e do New York Poets Theatre. Budista, fundou o San Francisco Institute of Magical and Healing Arts. Em 2009, foi nomeada Poeta Laureada de São Francisco. Recebeu diversas premiações, dentre elas o Lifetime Service Award pelo National Poetry Association. Doutora Honorária pela Universidade de St. Lawrence, lecionou em várias escolas e universidades e também na Jack Kerouak School of Disembodied Poetics, no Naropa Institute. Mora atualmente no norte da Califórnia. *Por Isaura Rigitano*

Association. Doutora Honorária pela dade de St. Lawrence, lecionou em colas e universidades e também na puak School of Disembodied Poetics, pa Institute. Mora atualmente no norte prinia. Por Isaura Rigitano

Revolutionary Letter #1

I have just realized that the stakes are myself I have no other ransom money, nothing to break or barter but my life my spirit measured out, in bits, spread over the roulette table, I recoup what I can nothing else to shove under the nose of the maitre de jeu nothing to thrust out the window, no white flag this flesh all I have to offer, to make the play with this immediate head, what it comes up with, my move as we slither over this go board, stepping always (we hope) between the lines

Carta Revolucionária #1

por Miriam Adelman

Acabo de perceber que o que está em jogo sou eu Não tenho outra moeda de resgate, nada para quebrar ou trocar, a não ser minha vida meu espírito parcelado, em fragmentos, esparramado sobre a mesa de roulette, eu recupero o que posso só isso para enfiar embaixo do nariz do maitre de jeu só isso para jogar pela janela, nenhuma bandeira branca só tenho minha pele para oferecer, para fazer minha jogada com esta cabeça imediata, com aquilo que inventa, é a minha vez enquanto deslizamos sobre o tabuleiro, e sempre pisando (assim esperamos) nas entrelinhas



Songs for Babio, Unborn

Body

whose flesh

has crossed my will?

Which night

common or blest

shapes now to walk the earth

Body

whose hands

broke ground

for that thrusting head?

in the eyes

budding to sight

who will I read?

Body

secret in you

sprang this cry of flesh

Now tell the tale

Sweetheart

when you break thru

you'll find

a poet here

not quite what one would choose

i won't promise

you'll never go hungry

or that you won't be sad

on this gutted

breaking

globe

but I can show you

baby

enough to love

to break your heart

forever

Canções para Babio, ainda não nascido

por Isaura M. R. de Limas

Corpo

De quem é carne

Que cruzou meu destino?

Qual noite

Comum ou abençoada

Se forma agora

A andar pela terra?

Corpo

Qual mão

Abriu o solo

Para aquela cabeça romper?

Nos olhos

Brotando à vista

Quem eu vou ver?

Corpo

Segredo em você

Nasceu esse choro da carne

Agora conto o conto

Querida

Quando você chegar

encontrará

Uma poeta aqui

Não bem o que alguém escolheria.

Não prometo

Que você nunca sentirá fome

Ou que nunca ficará triste

Nesse eviscerado

Quebrado

Globo

Mas posso mostrar a você

Baby

Amor suficiente

Para partir seu coração

Pra sempre.

Revolutionary Letter #19 for The Poor People's Campaign

if what you want is jobs for everyone, you are still the enemy, you have not thought thru, clearly what that means if what you want is housing, industry (G.E. on the Navaho reservation) a car for everyone, garage, refrigerator, TV, more plumbing, scientific freeways, you are still the enemy, you have chosen to sacrifice the planet for a few years of some science fiction utopia, if what you want still is, or can be, schools where all our kids are pushed into one shape, are taught it's better to be 'American' than Black or Indian, or Jap, or PR, where Dick and Jane become and are the dream, do you look like Dick's father, don't you think your kid secretly wishes you did if what you want is clinics where the AMA can feed you pills to keep you weak, or sterile shoot germs into your kids, while Merck & Co grows richer if you want free psychiatric help for everyone so that the shrinks pimps for this decadence, can make it flower for us, if you want if you still want a piece a small piece of suburbia, green lawn laid down by the square foot color TV, whose radiant energy kills brain cells, whose subliminal ads brainwash your children, have taken over your dreams degrees from universities which are nothing more than slum landlords, festering sinks of lies, so you too can go forth and lie to others on some greeny campus THEN YOU ARE STILL THE ENEMY, you are selling yourself short, remember you can have what you ask for, ask for

everything

Carta Revolucionária #19 para a 'Campanha dos Pobres'

por Isaura M. R. de Limas

se o que você quer é emprego para todos, você ainda é o inimigo, você ainda não pensou direito, claramente o que isso significa

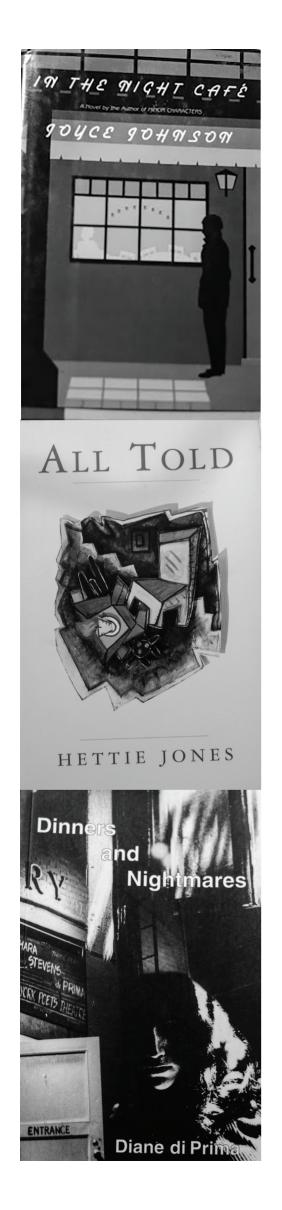
se o que você quer é moradia, indústria (GE na reserva Navaho) carro para todos, garagem, refrigerador, TV, mais encanamento, vias rápidas científicas, você ainda é o inimigo, você escolheu sacrificar o planeta por poucos anos de uma utopia de ficção científica, se o que você quer ainda é, ou pode ser, escolas onde todas as crianças podem ser moldadas de uma só forma, são ensinadas que é melhor ser americano do que negro ou indiano, ou japonês ou porto-riquenho, onde Dick e Jane se tornaram e são o sonho, você se parece como o pai do Dick? não acha que seu filho secretamente desejaria que você fosse

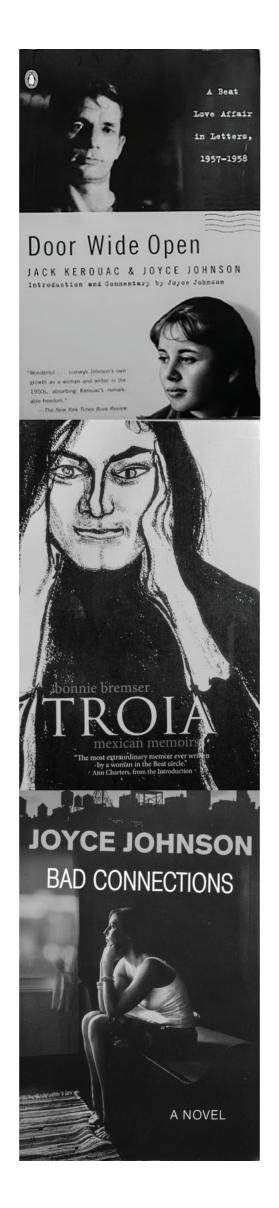
se o que você quer são clínicas onde a Associação Médica Americana pode te encher de pílulas pra te manter fraco ou estéril, injetar germes nos seus filhos, enquanto a Merck e Companhia enriquece

se o que você quer
é ajuda psiquiátrica para todos
onde terapeutas
cafetões dessa decadência, podem fazer
florescer para nós, se você quiser
se você ainda quer um pedaço
um pequeno pedaço do subúrbio, grama verde
espalhada pelo metro quadrado
TV a cores, onde a energia radiante
mata as células do cérebro
onde mensagens subliminares
fazem lavagem cerebral nos seus filhos
levaram seus sonhos

títulos de universidades que não são nada além do que senhorios da pocilga, pias purulentas de mentiras, para que você possa ir em frente e mentir para outros em algum campo esverdeado

ENTÃO VOCÊ AINDA É O INIMIGO, você está se subestimando, lembre que você pode ter o que pedir, peça tudo.



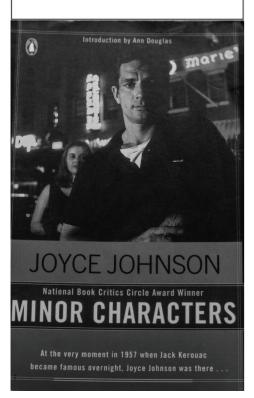


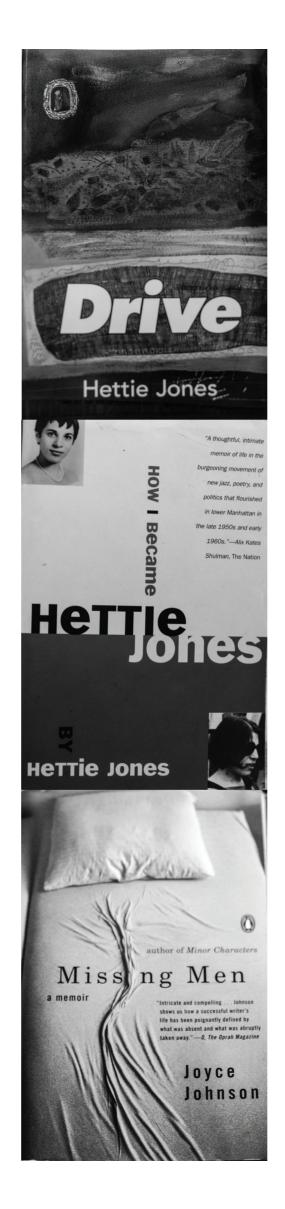


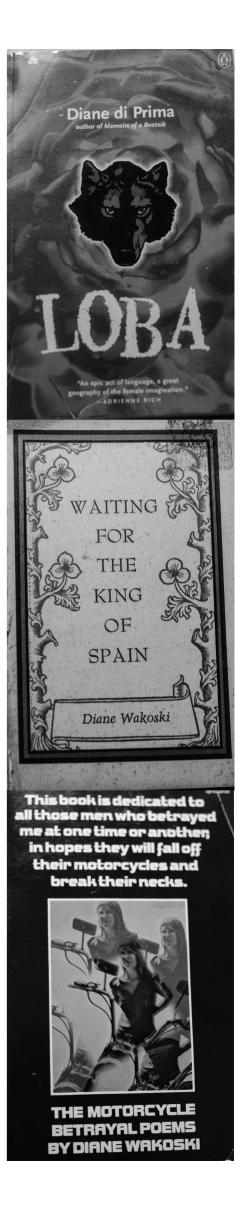












no na sua otidiano e icidade de ligiosidade

Nascida em 1934, é associada aos poetas da Renascença de São Francisco, movimento literário que ocorreu na cidade entre 1940 e 1950, parte importante na formação da geração beat. Kyger já frequentava círculos literários antes da eclosão do fenômeno. Formou-se em Filosofia na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e se mudou para São Francisco em 1957, quando estreitou laços com os poetas Jack Spicer e Robert Duncan. Foi casada com Gary Snyder, com quem viveu em uma comunidade de estudos orientais, no Japão. Também viajou pela Índia com Ginsberg. É muito

influenciada pelo zen-budismo na sua escrita, trabalhando temas do cotidiano e paisagens da Califórnia. A organicidade de seus poemas mescla identidade, religiosidade e corpo. A pesquisadora Alice Notely afirma, em diferentes ensaios, que ela constrói sua poesia a partir de Duncan, da geração Beat e dos poetas da Black Mountain (grupo que se formou no pós-guerra, sendo Charles Olson, Larry Eigner, Robert Duncan, Ed Dorn, Paul Blackburn, Hilda Morley, John Wieners, Joel Oppenheimer, Denise Levertov, Jonathan Williams e Robert Creeley os mais influentes do grupo). *Por Renata Senna Garraffoni*

It's a great day

It's a great day. Last night I visited my old Childhood town of Lake Bluff, Illinois. The Creeleys and Philip Whalen were there. I took a walk to Lake Michigan with Philip to see it all built up in the form of a great amusement center. Lost in its intricacies I go to work. Stepping out a door and I land in a great field and run a tractor up and down the row, not exactly enough, to be sure and run back into the amusement center, donning my waitress uniform on the way, before I get caught, before I get caught. Oh ladies of the Middle West, how do your hands get tough. What is this self I think I will lose if I leave what I know. Back to the dark bedroom, and aimless unhappy adolescent lives. Lacking any commitment to the actual living ground, life becomes pointless in its urge for culture, quote unquote, Art. There, I've said it, in all its simpleness – the best teacher lives outside, the best teacher lives inside you, beating blood, breathing air, the best teacher is alive.

É um grande dia

por Renata Senna Garraffoni

É um grande dia. Noite passada visitei minha velha cidade da infância, Lake Bluff, Illinois. Os Creeley e Phillip Whalen estavam lá. Eu caminhei até o lago Michigan com o Philip para vê-lo completamente edificado em um grande centro de prazeres. Perdida nesses meandros eu vou trabalhar. Cruzando a porta eu aterrisso em um grande campo e dirijo o trator para cima e para baixo, não exatamente o suficiente, para ter certeza e corro de volta ao centro de prazeres, vestindo meu uniforme de garçonete no caminho, antes de ser pega, antes de ser pega. Ó Senhoras do Meio Oeste como suas mãos se tornam ásperas. Que tipo de identidade eu acho que vou perder se eu deixar aquilo que eu sei. De volta ao quarto escuro, uma adolescente vive triste e sem propósito. Deixando de lado qualquer comprometimento com o momento presente que vive, a vida se torna sem sentido em seu impulso por cultura, entre aspas, Arte. Ali, eu disse, em toda sua simplicidade - o melhor professor mora fora, o melhor professor vive dentro de você, vibrando o sangue, respirando o ar, o melhor professor está vivo.

com o professor de filo que a introduziu à cena ao jazz e às comunidad 1953, Cook apresentou quem havia sido colega quem teve um breve rela

Nasceu em 1933, em uma família de classe média e judia, no distrito de Washington Heights, Nova York. Em 1951, entrou para Barnard College, onde conheceu a escritora Joyce Johnson, que viria a ser uma das mais importantes fontes sobre sua vida. Também conheceu e se relacionou com o professor de filosofia Donald Cook, que a introduziu à cena Beat dos anos 1950, ao jazz e às comunidades de escritores. Em 1953, Cook apresentou Allen Ginsberg – de quem havia sido colega em Columbia –, com quem teve um breve relacionamento amoroso

e uma longa amizade. Há menções de Elise Cowen ter datilografado o último rascunho do Kaddish (1961), de Ginsberg. Após uma série de infortúnios, como problemas de relacionamento com os pais judeus, empregos malsucedidos, um aborto perigoso e sucessivas internações em hospitais psiquiátricos, Elise cometeu suicídio aos 28 anos, em 1962. Os pais de Elise queimaram todos os seus originais, restando apenas um caderno com 83 poemas escritos entre 1959 e 1960, guardado pelo amigo Léo Skir. *Por Emanuela Siqueira*

Death, I'm coming

Death, I'm coming
wait for me.

I know you'll be
at the subway station
loaded with galoshes, raincoat, umbrella, babushka
and your single simple answer
to every meaning.
Incorruptible institution,
Thoughtful killjoy of fingerprints
Listen to what she said
"There's a passage through the white cabbages."

Morte, estou chegando

por Emanuela Siqueira

Morte, estou chegando espere por mim. Sei que estará

Na estação de metrô
Equipada com galochas, capas, guarda-chuva, lenço
e sua única e simples resposta
para cada sentido
Instituição incorruptível
Desmancha-prazeres cautelosa de sinais
Ouça o que ela diz
"Há uma passagem através dos repolhos brancos"

Sometimes in my dungeon there comes a crawling thing

Somewhere in this dungeon
Something creeping
A bristly caterpillar
A butterfly-to-be
Will it be disappointed
That there's no day to see?
If it becomes a moth?
Such a dreary sight
There's nothing but the dungeon walls
And I'm the only light

Às vezes em minha masmorra há algo que rasteja

por Emanuela Siqueira

Em algum lugar nesta masmorra Algo rastejante Uma lagarta eriçada Uma vir-a-ser borboleta Ficará desapontada Se não houver dia para ver?

Se tornar-se uma mariposa? Que triste visão Pois não há nada além dessas paredes Sou o único clarão



essora, piração em um Como ia Beat reção na irrituais

Nasceu em 1932, em Nova York. Aos 28 anos, mudou-se para San Francisco, onde se tornou uma das mais importantes mulheres poetas do círculo de escritores e artistas da vanguarda cultural Beat na costa oeste do país. Seu primeiro livro de poesia virou objeto de acirrada polêmica por conta do conteúdo abertamente erótico. Autoridades da Califórnia tentaram retirá-lo de circulação, apoiandose na legislação que bania literatura 'obscena'. Contudo, só acabaram atiçando o interesse de um público já pronto para ir na contramão de uma cultura repressora e moralista, proporcionando, aliás, uma maior divulgação e sucesso

ao texto. Figura forte e transgressora, na mesma época Kandel foi inspiração para uma das personagens em um dos romances de Jack Kerouac. Como outros membros da cena literária Beat californiana, houve em sua inserção na contracultura e suas buscas espirituais um forte interesse no budismo e noutras formas não ocidentais de religiosidade. Publicou, em 1967, Word Alchemy, do qual o poema publicado aqui faz parte. Em 1970, sofreu um acidente de moto que a deixou com sequelas, mas continuou estudando e escrevendo até sua morte, em 2009, na cidade de San Francisco. Por Miriam Adelman

Circus

Poster

VENGEFUL EXHIBIT OF ANGELS! INDECENT EXPOSURE! TRUMPETS! DANCE OF THE JELLYBEAN GIRLS!

INESCAPABLE PEARL BLOSSOMS TORTURE! SWEETHEARTS!

love lyrics of the homesick tiger the secret mating dance of everybody

ALL dreams are TRUE THIS is a dream THIS is TRUE

Beast Parade love me, love my elephant... never mock a tiger never tease a lion you and your mother are kinfolk to the jungle

SEE THE SPANGLED LEOPARD LADY! watch the elephant ballet, eight thousand pounds of meat cavorting for your languished eye cumbersome feet used for nefarious purposes (consider umbrellas in your grandma's hollowed foot)

!WATCH!

the gorilla takes a leak
the monkey masturbates
how life-like...
SEE the
TIGer
SWITCH his
TAIL!
the leopard lady walks her sister on a shining leash
the eye
of the tiger
hides
behind the sign of scorpio

HERE BE STRANGE BEASTES AND UNKNOWN LANDES
HERE BE LIONS
exhausted

from the smell of popcorn

high in the altitude of the furthest Everest of benches and everywhere and down to the very front seats the eye of the beast shines from contorted craniums struggling between homo the human sapiens circa NOW and that dark beast before

turtle-man sparrow lady tiger in a dress suit monkey in a sweater beetle-man, ape-man, poodle-man, snake-man, horse-man, bull-man, camel-man, goat-man, man-man !STOP! observe your brethren, guard your true love

these are dark latitudes and the ringmaster has wings let the parade begin! love me, love my elephant.... love my tiger... love my anything... get in line...

CATCH ME!

I love you, I trust you, I love you CATCH ME!

Catch my left foot, my right

foot, my hand! here I am hanging by my teeth 300 feet up in the air and

CATCH ME!

here I come, flying without wings, no parachute, doing a double triple super flip-flop sommersault

RIGHT UP HERE WITHOUT A SAFETY NET AND CATCH ME! you caught me! I love you!

now its your turn!

Dance of the Bareback Riders

eyes of newt and heel of brandy champagne-wine and hashish candy shock of love and touch of madness demon's tear of final sadness pulse of vision, blood of stone kiss of wishes, mandrake moan fear of heaven, bread of dreams Everything is what it seems

oh! the clowns! but they're beautiful
the ringmaster is clothed entirely in black owl
feathers
except for his black suede boots and gauntlets
and his black and braided whip
He flies overhead, circling endlessly
while the clowns pretend to be angels
pretending to be clowns

and the bareback ridersbeautiful girls, naked except for silver boots and gloves their long hair flowing behind them in a luminous wave all of them, the ones pale and glowing as hot bridal satin the ones dark as unknown waters all of them all of them ride horses white as mist with

burning sapphire eyes

the horses canter and pace the figures of the dance tails of seaspray bodies cool as foam the beautiful naked girls extend their arms and weave serene enchantments as they dance faster and faster spinning their incandescent shadows into

silver fog that melts, dissolves and burns till all that's left transforms itself into one glittering white and dawn wet

that the ringmaster accepts in trembling hands

Freak Show and Finale

Expose yourself!
Show me your tattooed spine and star-encrusted tongue!
Admit your feral snarl, your bloody jaws concede your nature and reveal your dreams!
each beast contains its god, all gods are

dreams all dreams are true

LET THE BEAST WALK!!!!
permit the dog to fly, let the spider love

Are you the rainbow-headed child, the oracle of dream,

the witch of pain, the priest of tears, the door of love?

EXPOSE YOURSELF!

Are you BOY OF 16 WEDS WOMAN 68 shaking with lust

Are you FATHER OF 3 SHOOTS SELF AND INFANT SON

Are you MANIAC BURNS LOVERS ALIVE Are you UNKNOWN WOMAN LEAPS FROM BRIDGE

Are you TEEN AGE GIRL FOUND CHAINED IN ROOM

Are you half-man half-woman, do you weigh six hundred

pounds, can you

walk on your hands, write with your toes, dance on

tight wire?

EXPOSE YOURSELF!

ACCEPT THE CREATURE AND BEGIN THE DANCE!

Circo

por Miriam Adelman

CARTAZ DE CIRCO
EXPOSIÇÃO VINGATIVA DE ANJOS!
EXIBIÇÃO INDECENTE! TROMPETAS! DANÇA DAS MENINASGOMA!
BROTOS DE PÉROLA INVENCÍVEIS!

TORTURA! NAMORADOS!

letras de amor do tigre saudoso a secreta dança de acasalamento de todos TODOS os sonhos SÃO verdadeiros ISTO é um sonho ISTO é VERDADEIRO

DESFILE DAS FERAS

me amem, amem meu elefante nunca zombem de um tigre nunca cutuquem um leão você e sua mãe são família da selva

VEJAM A MULHER LEOPARDA COM LANTEJOULAS!

vejam o balé dos elefantes, quatro mil quilos de

carne cabriolando

para seus olhos lânguidos

desengonçados pés empregados para fins nefastos (considerem guarda-chuvas no pé curvado da tua avó)

!VEJAM! a gorila mija

o macaco se masturba quão verossímil... VEJAM o TIGRE MEXER sua CAUDA

a mulher leoparda passeando sua irmã com guia e coleira

o olho do tigre esconde-se atrás do signo do escorpião

EIS AQUI FERAS BIZARRAS E TERRAS INCÓGNITAS

EIS AQUI LEÕES

exauridos

do aroma da pipoca

no pico da altitudes do Everest mais distante, de cadeiras e

todo e até as poltronas da primeira fila

o olho da fera brilha desde seu crânio contorcionado lutando entre homo o sapiens humano circa Agora e

a escura fera antes

homem tartaruga mulher pardal

tigre usando terno macaco vestindo blusa

homem-besouro, homem-gorila, homem-poodle, homem-cobra,

homem-cavalo,

homem-touro, homem-camelo, homem-cabra, homem-homem

!PAREM!

observem seus irmãos, guardem seu amor verdadeiro

estas são escuras latitudes e o apresentador tem asas que comece o desfile!

me amem, amem meu elefante...

amem meu tigre

amem meu qualquer coisa

entrem na fila...

O AMOR FLUTUANDO NO AR

ME AGARRE!

Te amo, confio em você

Te amo

ME AGARRE

agarre meu pé esquerdo, meu pé

direito, minha mão!

eis-me aqui pendurada pelos dentes suspensa a cem metros no ar e

ME AGARRE!

lá vou eu, voando sem asas

sem paraquedas, fazendo um duplo triplo super giro salto mortal AQUI EM CIMA E SEM REDE DE PROTEÇÃO E ME AGARRE! me agarrou! te amo! agora vai você! INVOCAÇÃO E PALHAÇOS DANÇA DAS QUE CAVALGAM EM PELO.

olho de salamandra e calcanhar de cognac vinho champagne e doce de haxixe choque de amor e toque de loucura lágrima do diabo da triste partitura pulso da visão, sangue da pedra beijo das bruxas, lamento da mandrágora medo do paraíso, sonhos feitos de pão Todas as coisas, são tal como são

Ah! os palhaços! belos são! o apresentador está vestido só de penas pretas de coruja salvo suas botas de camurça preta e luvas e o chicote preto e trançado. Ele voa no alto, em infindáveis círculos enquanto os palhaços fingem ser anjos que fingem ser palhaços

e as moças que cavalgam em pelo...

lindas moças, despidas salvo as botas e luvas prateadas seus longos cabelos flutuando atrás delas numa onda luminosa todas, as pálidas que brilham como a quente seda do enxoval as que são escuras como águas incógnitas todas elas todas elas montam cavalos brancos como a névoa com olhos de safira que ardem

os cavalos galopam e trotam as figuras da dança caudas de brisa marinha frescas como a espuma belas mulheres nuas estendem seus braços tecendo encantos serenos enquanto dançam cada vez mais rápido

fiando de sombras incandescentes uma névoa prateada que derrete, dissolve e arde até que dos restos só fica uma rosa branca e úmida do orvalho que o apresentador aceita com mãos que tremem

FREAK SHOW E FINALE

Exiba-se!

Mostre-me sua coluna tatuada e sua língua com estrelas encrustadas Assuma seu rosnado de fera, sua mandíbula ensanguentada Assuma sua natureza e revele seus sonhos! cada fera contem seu deus, todos os deuses são sonhos todos os sonhos são verdadeiros

DEIXE A FERA ANDAR!!!

permita o cachorro andar, a aranha amar É você a criança cabeça de arco-íris, oráculo do sonho? a bruxa da dor, o sacerdote das lágrimas, a porta do amor? EXIBA-SE!

É você o santo da luxúria? É você a fera que chora aos prantos?

EXIBA-SE!

É você MENINO DE 16 anos CASA COM MULHER 68 tremendo de vontade?

É você PAI DE 3 ATIRA NELE MESMO E EM FILHO BEBÊ? É você MANÍACO ATA FOGO EM AMANTES?

É você MULHER NÃO IDENTIFICADA PULA DE PONTE?

É você MENINA ADOLESCENTE ENCONTRADA

ACORRENTADA EM QUARTO?

É você metade-homem, metade-mulher, você pesa 300 quilos, pode

caminhar sobre as mãos, escrever com os dedos dos

pés, dançar sobre uma corda bamba?

EXIBA-SE!

ACEITE A CRIATURA E COMECE A DANÇA!

a ele, embora não tenha frequentado seu círculo mais íntimo. Entre os temas recorrentes da sua obra estão as relações entre mulheres e homens, numa linguagem que ela constrói a partir da revisão da sua própria vida – o que ela chama de construção poética de uma mitologia pessoal. Embora Diane tenha resistido

Nasceu em 1937 em Whittier, Califórnia. Como poeta, participou de momentos e espaços do movimento Beat, sendo muitas vezes associada a ele, embora não tenha frequentado seu círculo mais íntimo. Entre os temas recorrentes da sua obra estão as relações entre mulheres e homens, numa linguagem que ela constrói a partir da revisão da sua própria vida – o que ela chama de construção poética de uma mitologia pessoal. Embora Diane tenha resistido a de rótulos quaisquer), emerge de sua obra uma visão sobre cultura e normas sociais de gênero que muitas vezes incomodou os críticos de sexo masculino. Premiada autora de mais de 60 livros de poesia desde 1976, trocou o estado de Califórnia por Michigan, onde virou professora de criação literária. Continua escrevendo, dando entrevistas e realizando leituras públicas. *Por Miriam Adelman*



Belly Dancer

Can these movements which move themselves be the substance of my attraction? Where does this thin green silk come from that covers my body? Surely any woman wearing such fabrics would move her body just to feel them touching every part of her.

Yet most of the women frown, or look away, or laugh stiffly. They are afraid of these materials and these movements in some way.

The psychologists would say they are afraid of themselves, somehow. Perhaps awakening too much desire—

that their men could never satisfy?

So they keep themselves laced and buttoned and made up in hopes that the framework will keep them stiff enough not to feel the whole register.

In hopes that they will not have to experience that unquenchable desire for rhythm and contact.

If a snake glided across this floor most of them would faint or shrink away.

Yet that movement could be their own.

That smooth movement frightens them—

awakening ancestors and relatives to the tips of the arms and toes.

So my bare feet and my thin green silks my bells and finger cymbals offend them—frighten their old-young bodies. While the men simper and leer—glad for the vicarious experience and exercise. They do not realize how I scorn them; or how I dance for their frightened, unawakened, sweet women.

Dança do Ventre

por Miriam Adelman

Podem estes movimentos que se impulsionam ser a substância da minha atração? De onde vem esta fina seda verde que cobre meu corpo? Certeza qualquer mulher que vestisse semelhante tecido movimentaria seu corpo só para senti-lo tocar cada parte dela

Mas as mulheres aqui franzem a testa, desviam o olhar, dão risada nervosa. Elas têm medo dos materiais e dos movimentos por algum motivo. Os psicólogos diriam que têm medo delas mesmas, de alguma maneira.

Talvez por despertar desejo em excesso - algo que seus homens nunca poderão satisfazer? Por isso se cobrem e se abotoam e mantém a pose torcendo que o modelo as impeça de sentir o registro completo.

torcendo que não terão que experimentar aquele insaciável desejo de ritmo e de toque.

Se neste momento uma cobra deslizasse pelo chão elas, na maioria, desmaiaria ou se encolheria
Mas esse mesmo movimento poderia ser delas
Aquele movimento suave que as assusta,
acordando seus ancestrais, seus parentes até a ponta do braços e os dedos dos pés.

É por isso que meus pés descalços e minha fina seda verde meus sinos e minhas castanholas as ofendem, assustam seus jovens corpos velhos Enquanto os homens sorriem e babam - gratos pela experiência e o exercício vicário. Eles não percebem o quanto os desprezo nem como eu danço para suas doces, desacordadas mulheres.



www.escoladeescrita.com.br I contato@escoladeescrita.com.br Rua Riachuelo, 427, Centro, Curitiba-PR I (41) 3114 7100